

ESTUDO INTEGRADO DA ARQUITETURA E DA PAISAGEM NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

Para uma metodologia de investigação:
prospecção, levantamento, síntese e proposta

Desidério Batista

Universidade do Algarve, CHAIA-UÉ - Centro de História da Arte e Investigação Artística

Miguel Reimão Costa

Universidade do Algarve, CEAACP - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património,

Campo Arqueológico de Mértola

Resumen

La lectura integrada de la arquitectura tradicional y del paisaje cultural, en el ámbito de este proyecto, utiliza un enfoque un interdisciplinario con vistas a la caracterización de algunos de los tópicos de la identidad y diversidad del hábitat humano en la región occidental del Mediterráneo, considerando para eso las distintas escalas: del territorio, del pueblo y de la casa. Con este artículo se pretende reflexionar sobre la relación entre metodologías y propósitos de la investigación, a través de una síntesis, aún preliminar, de algunas de las expresiones arquitectónicas y paisajísticas que han servido de base para la identificación y caracterización de grandes unidades del paisaje que reflejen aspectos comunes (gestión colectivo de los recursos naturales, procesos constructivos, dieta alimentaria) y singularidades (organización socio-espacial) que las diferencian respecto a los espacios domésticos y de producción de alimento. Para unas y otras, el carácter propositivo del estudio apunta para algunas estrategias de intervención que consideran los caracteres identitarios asociados al patrimonio cultural como llave para el desarrollo local y la ordenación del territorio en diferentes contextos (montañoso, litoral, rural, urbano). La estructura del artículo refleja este enfoque secuencial: definiendo primero el ámbito y el propósito de la investigación; describiendo los resultados preliminares de la prospección en las regiones estudiadas (primera fase del trabajo de campo); referenciando algunos de los estudios de caso relativos a poblados localizados sobretudo en áreas de montaña (segunda fase del trabajo de campo); reconociendo la importancia del estudio comparativo de algunos de estos casos en la delimitación de las grandes unidades del paisaje; y, por fin, identificando una estrategia de intervención distinguiendo las regiones urbanas del litoral de las áreas del interior predominantemente rurales.

Palabras clave: Mediterrâneo, património cultural, aldeia, arquitetura doméstica, unidades de paisagem

Abstract

The study of traditional architecture and cultural landscape, within this research project, is based on an interdisciplinary approach for the characterization of the identity and diversity of human settlement in the western Mediterranean region, considering the different scales: territory, urbanism and domestic space. This paper focuses on the link between methodologies and results of research, through a preliminary synthesis of the architectural and landscape expressions, as a basis for the identification and characterization of large landscape units. These landscape units can be delimited through common aspects and habits (collective use of resources, constructive practices, Mediterranean diet, socio-spatial organization) relevant to domestic spaces and food production landscapes. The propositional stage of the research points to some intervention strategies that consider the cultural heritage as a resource for local development and land-use planning in different contexts (mountainous, coastal, rural, urban). The structure of the paper reflects this sequential approach: defining the scope and purpose of the research; describing the preliminary results of the large-scale survey (first phase of fieldwork); referencing some of the case studies concerning settlements located, in particular, in mountainous regions (second phase of the fieldwork); recognising the importance of the comparative study of these cases in the delimitation of large landscape units; and, finally, identifying an intervention strategy distinguishing urban coastal regions from inland areas.

1. Introdução

O principal objetivo deste artigo é contribuir para o estudo integrado da arquitetura vernacular e da paisagem tradicional de produção a partir de casos de estudo em Portugal, Marrocos e Tunísia. Considerando a relação do Mediterrâneo com os territórios que o marginam, entre o Atlântico e a região pré-saariana, pretende-se identificar e caracterizar expressões identitárias do património construído que tanto em contexto montanhoso, como na planície costeira consubstanciam as relações profundas entre os espaços de habitar e os espaços de produção de alimento.

A metodologia de investigação utilizada cruzou as fontes bibliográficas, documentais e iconográficas sobre os temas e os territórios em estudo, com o trabalho de campo considerado fundamental para o levantamento arquitetónico e paisagístico, e a recolha de informação oral junto dos habitantes das distintas povoações em ambas as margens do Mediterrâneo, no sentido de compreender e registar o processo histórico de construção e transformação do *habitat* humano. Para isso adotou-se uma abordagem interdisciplinar e interescolar que funde os temas da História, da Geografia, da Arquitetura e da Paisagem na interpretação e mapeamento das relações profundas das povoações com a envolvente territorial às distintas escalas: da paisagem, do povoado e da casa.

Com base na referida metodologia, inclusiva e integradora, o presente artigo compreende estudos de caso que, a partir do *Al Gharb* (o Ocidente), alargou o âmbito geográfico a outros territórios do Mediterrâneo Ocidental, pondo em evidência aspetos comuns associados ao processo de formação socio-espacial do território montanhoso num e noutro lado do *Mare Nostrum*, nomeadamente no que respeita à gestão coletiva dos ecossistemas e recursos naturais e à própria arquitetura doméstica e de produção, mas também a singularidades e traços identitários que os diferenciam. É esta unidade com diversidade tão característica da Bacia do Mediterrâneo – recorrentemente evidenciada pelo pensamento de autores fundamentais como Braudel (1983), Ribeiro (2011), Abulafia (2013) ou Matvejevitch (2019) – que este estudo retoma, destacando as bases da construção duma paisagem cultural cuja evolução se fez sempre entre a partilha e o individual, a permanência e a mudança, a tradição e o progresso.

2. Trabalho de campo e prospeção: Identidade e diversidade no Mediterrâneo Ocidental

A unidade natural e humana do Mediterrâneo, de que nos falam Braudel (1983) e Ribeiro (2011), expressa-se na dimensão patrimonial e identitária da sua paisagem que, no seu extremo ocidental, do Atlântico ao Saara, compreende uma diversidade de unidades paisagísticas ou geográficas que traduzem os modos como as comunidades humanas se adaptaram às difíceis condições do meio (aridez, secura, torrencialidade, altitude, relevo acentuado). Historicamente, as comunidades tradicionais de pastores-agricultores, nos territórios do interior, e de pescadores-agricultores, na linha de costa, desenvolveram distintas soluções de *habitat* (figura 1) e uma economia de subsistência adaptada à diversidade geológica, altimétrica, climática e florística.

Mas se as circunstâncias biofísicas do território condicionaram a tipologia de povoamento e de arquitetura, e o modelo de exploração da terra (e do mar), também as circunstâncias socioculturais determinaram a adoção de diferentes estratégias no processo de ocupação e organização espacial. Esta evidência torna-se clara quando comparamos planícies litorais, regiões montanhosas, vales pré-saarianos ou terras altas planas.

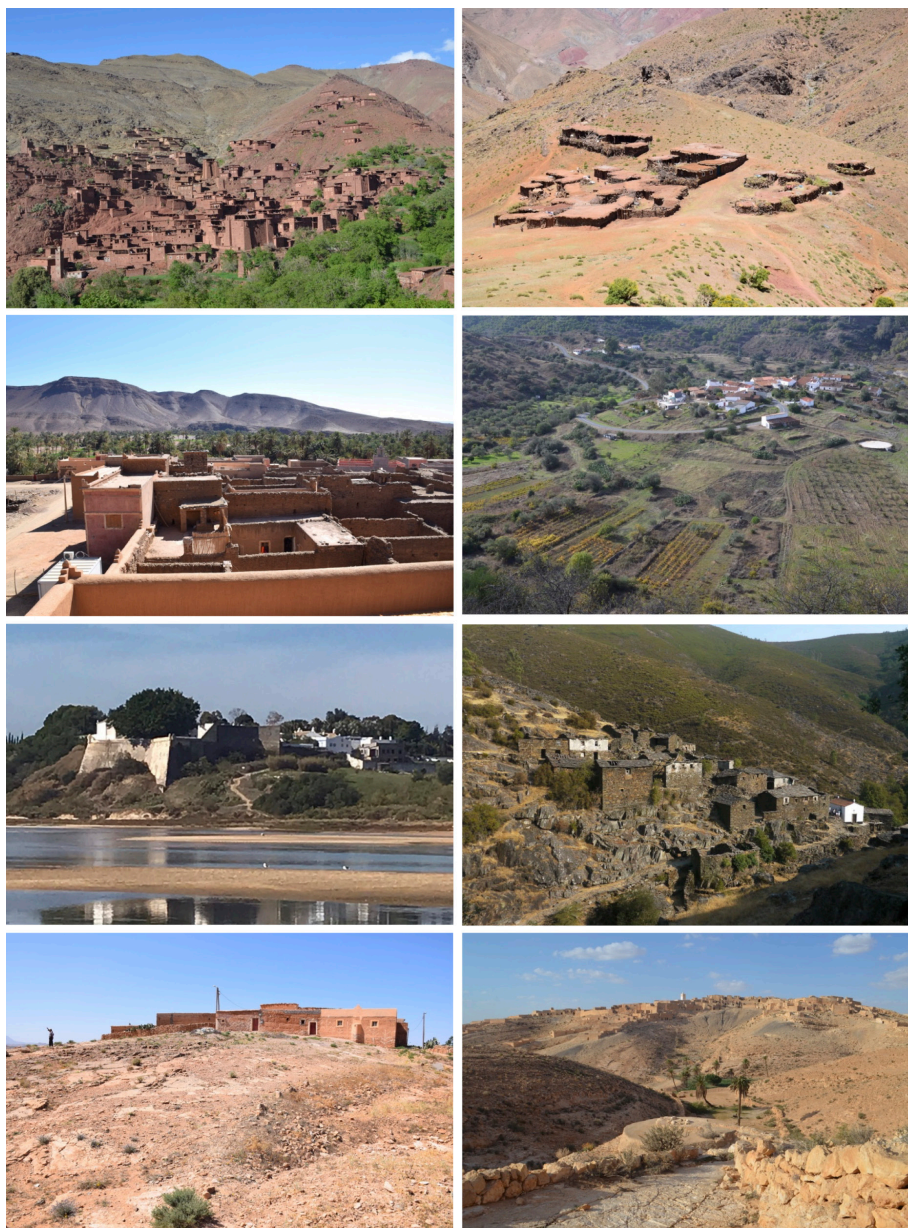


Figura 1. Estudos de caso. As povoações de Magdaz (douar), Arghrz (azib) e Alougoum no Sul de Marrocos, Fortes, Cacela e Drave em Portugal, Tagnit n° Abdiy no Anti-Atlas Ocidental em Marrocos e Zraoua no Sul da Tunísia.

Uma das dimensões que, a nível da interdependência entre comunidade e território, mais evidencia a diversidade do Mediterrâneo está relacionada com a apropriação e transformação dos materiais do lugar e a sua implicação na construção, entendida de forma genérica à escala da arquitetura, do urbanismo e da paisagem. Alguns dos trabalhos seminais que versam sobre estes territórios tendem a fixar a contraposição de diferentes *civilizações*, a partir da dimensão material, como foi proposto em Portugal, com a distinção da região da arquitetura de pedra do Norte e a região da arquitetura de terra do Sul (enquanto uma das expressões do contraste da civilização do granito do Portugal Atlântico e da civilização do barro do Portugal Mediterrânico) (Ribeiro, 1991), ou no Sul de Marrocos, com a distinção entre a região da arquitetura de pedra das regiões montanhosas e a região da arquitetura de terra das regiões pré-saarianas (Terrasse, 2010). A presente investigação confirma esta leitura genérica, mas introduz uma expressão mais matizada, delimitando e reconhecendo a importância da alvenaria de pedra em diferentes zonas do Sul de Portugal ou da construção em terra em diferentes subunidades da região montanhosa do Atlas marroquino.

É dentro deste quadro – em que se procuram compreender as semelhanças e especificidades dos modelos tradicionais de organização dos espaços e estruturas em diversas comunidades do Mediterrâneo – que o trabalho de campo adquire uma importância metodológica decisiva. A primeira fase deste trabalho estende-se a toda a área de estudo de uma determinada unidade geográfica, consistindo num período de prospeção onde, através dos diferentes trajetos (figura 2), se registam e delimitam as diversas subunidades de paisagem, a distribuição dos recursos, materiais disponíveis e técnicas construtivas tradicionais, bem como, das formas de povoamento e tipologias da arquitetura doméstica.

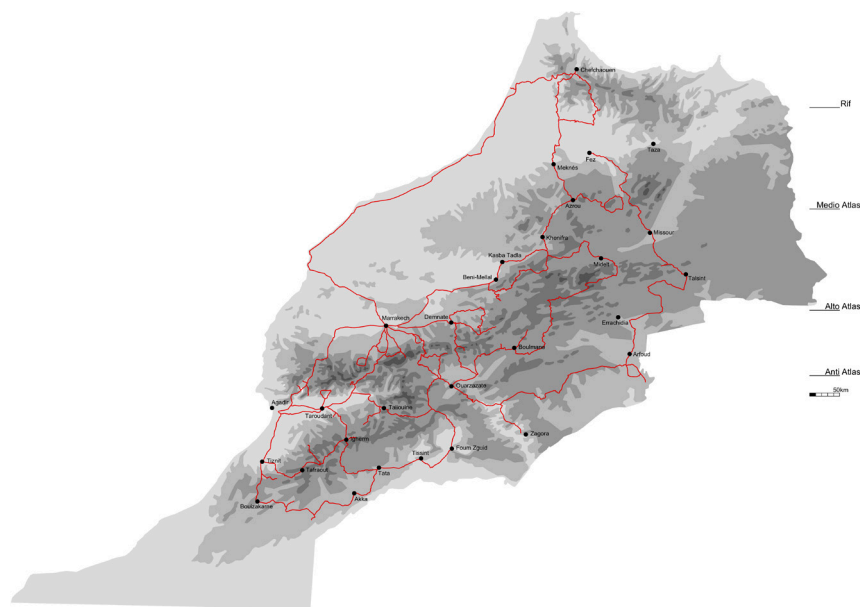


Figura 2. Prospeção. O exemplo de Marrocos

Consideremos, a este propósito, o estudo sobre a região do Alto Atlas no Sul de Marrocos, onde os percursos nas linhas de cumeeada tendem a ser marcados por uma significativa diversidade da fisionomia e imagem das aldeias. Essa diversidade resulta, antes de mais, da expressão aparente dos materiais empregues, quer a nível dos recursos abióticos (especialmente em contextos de grande diversidade geológica), quer a nível dos recursos bióticos para a edificação (permitindo reconhecer diferentes níveis de relação entre o perímetro natural de determinadas espécies arbóreas e arbustivas, a economia tradicional e os processos construtivos tradicionais). Mas é também o resultado de diferentes urbanismos e arquiteturas: se nas subunidades ocidentais, as aldeias são caracterizadas pela preponderância da casa pátio, nas regiões central e oriental são conformadas, quase sempre, por padrões de maior densidade que remetem para a casa bloco ou para a arquitetura dos povoados fortificados ('ksour') de montanha, respetivamente.

A fase de prospeção, com levantamento e desenho de um número significativo de habitações nas diversas sub-regiões, tende a revelar uma heterogeneidade a nível da organização do espaço doméstico mais expressiva do que seria de prever. É também o que ocorreu no Atlas marroquino, onde esta realidade é bem evidente, mesmo quando nos restringimos à casa agrícola, considerando, entre outros, os seguintes critérios: organização espacial; composição de volumetrias e número de pisos; processos de iluminação; acesso, áreas de transição e posição do salão ('tamesryit'); dimensão e posição da cozinha ou das cozinhas; mudança na utilização dos vários espaços ao longo do dia e do ano; relação entre habitação e dependências; utilização e proteção visual dos espaços da cobertura; e métricas e processos construtivos

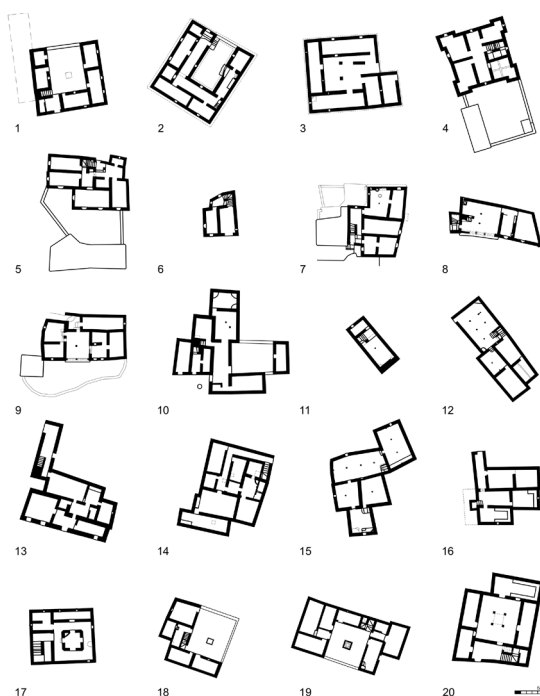


Figura 3. Levantamento. Tipologias da arquitetura doméstica nas montanhas do Atlas em Marrocos

(Costa & Batista, 2018). Deste modo, foi possível identificar e caracterizar através do trabalho de campo realizado nesta região, um número considerável de tipologias de habitação, que se poderão distinguir a partir do espaço ou estrutura matriz determinantes na organização espacial (figura 3): pátio (com ou sem galerias); espaço central coberto (com ou sem claraboia); saguão (*azarag*); alpendre (*amalal*); ou escada.

3. Trabalho de campo e estudo de casos: da paisagem, à aldeia e à habitação

O trabalho de campo permite, não apenas confirmar os traços de identidade que servem à delimitação de uma determinada unidade geográfica, como também revelar, no seu interior, as diversas subunidades que é possível delimitar a nível da organização da paisagem, da morfologia do assentamento, da tipologia da arquitetura doméstica ou dos processos de construção tradicional. Como é evidente, a compreensão desta diversidade não se restringe às condições impostas pelo meio ambiente ou às limitações do território físico, remetendo para uma dimensão cultural que se revela, de forma mais clara, quando consideramos o objeto de estudo a uma escala mais aproximada. Deste modo, depois de uma primeira fase de prospeção, que se estende a toda a unidade geográfica, remetendo para uma abordagem diatópica, o trabalho de campo privilegia determinados estudos de caso, aspirando a uma dimensão diacrónica, através da relação do povoado com o território concernente.

De modo a tornar mais explícitos alguns dos aspetos relacionados com a transição de escalas, da fase de prospeção para a fase de estudo de caso, manter-nos-emos no Alto Atlas, apresentando como primeiro exemplo a aldeia de Magdaz, localizada na região central daquela cadeia montanhosa. Compreendendo, uma vez mais, uma abordagem integradora da paisagem, do povoamento e da arquitetura, este trabalho incidiu na região do Alto Tassout e, mais especificamente, do território dos *Aït Attik*, procurando caracterizar, através do mapeamento e do registo gráfico a várias escalas, a relação das terras de produção e a interdependência entre povoações associada à organização espacial da aldeia na relação com as diversas arquiteturas.

À escala da paisagem, o levantamento das hortas (predominantemente em terraços) incluindo o cadastro, o sistema de regadio tradicional (açudes, tanque e levadas) e os moinhos, revelam princípios de organização socio-espacial aldeia/linhagem/família e de utilização coletiva dos recursos hídricos (Batista & Costa, 2020). Esta organização assume igual expressão nas áreas de pastagens comuns cuja gestão partilhada (*agdal*) surge vinculada às aldeias de cotas mais altas (*azib*) em interdependência com a aldeia principal (*douar*), marcando espacial e socialmente o território da alta montanha.

À escala do assentamento, Magdaz confirma uma organização recorrente dos povoados do Alto Atlas (figura 4), marcada pela composição de vários conjuntos edificados que adquirem preponderância sobre o espaço livre (correspondente, em muitos casos, a áreas coletivas gradualmente urbanizadas). O levantamento realizado nesta aldeia

permitiu registrar a importância da organização social na estrutura do povoado, delimitando a área afeta a cada uma das linhagens, no interior da qual se localizavam as várias habitações e o celeiro coletivo fortificado. Do mesmo modo, foi possível compreender diferentes modelos de transformação da arquitetura doméstica, a partir da habitação do núcleo antigo, desprovida de pátio, organizada frequentemente em cinco ou seis pisos e coroada pelo terraço com alpendre (*amala*).

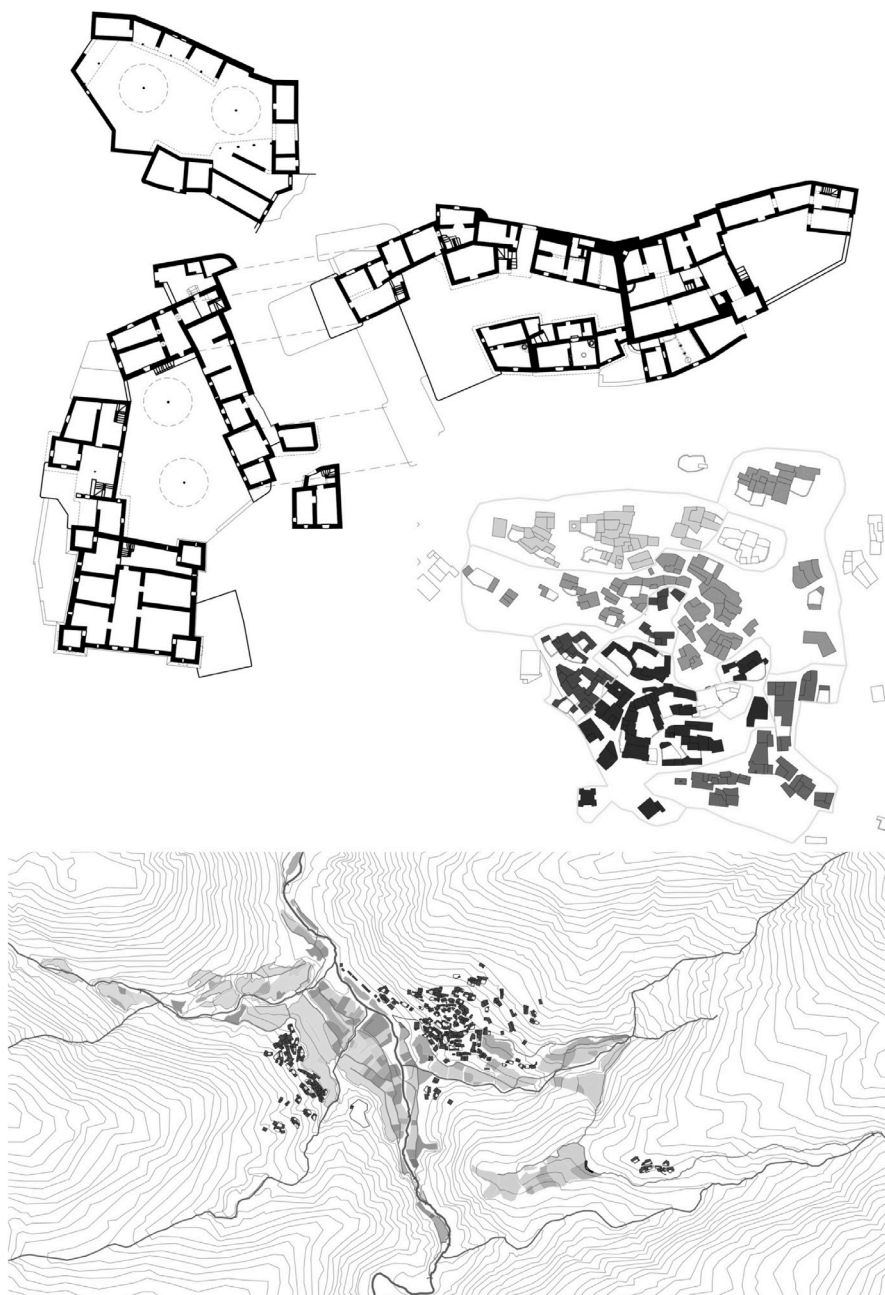


Figura 4. Magdaz: paisagem, urbanismo e arquitetura

A seleção dos estudos de caso, em fase de prospeção, não se restringe a critérios estabelecidos no interior de cada uma das unidades geográficas, estendendo-se também à relação entre unidades geográficas contíguas, procurando reconhecer não apenas os elementos de contraste, como também as relações de influência. É a este propósito oportuno considerar um segundo estudo de caso, correspondente à povoação de Alougoum situada na região pré-saariana do Anti-Atlas, permitindo retomar, através da sua leitura comparada com Magdaz, características fundamentais que distinguem aquelas duas cadeias montanhosas e respectivos habitats humanos. A aproximação à região pré-saariana é marcada pela prevalência de povoados fortificados de morfologia mais complexa, que se encontram mais bem estudados nas sub-regiões oriental e central (Jacques-Meunié, 1962; Nijst, 1973).

A importância do estudo de Alougoum (figura 5) está relacionada com um modelo que adquire maior relevância a ocidente, com duas ou mais portas de acesso ao espaço intramuros, de estrutura viária hierarquizada (*tasokt n souq / tarhbiit*), por vezes combinado com a anterior presença de um bairro judeu dissociado (*mellah*). Por outro lado, Alougoum compreende uma expressiva diversidade de tipologias da arquitetura doméstica, desde a pequena casa, sem pátio, com único vão de acesso, até às diferentes soluções de organização da habitação em redor de um espaço central coberto com claraboia sobre quatro colunas ao centro (*tadouarit*). Para além desta última solução, tão característica da arquitetura corrente da região pré-saariana, a povoação é marcada também pela presença de edifícios habitacionais de exceção, como a grande *tigherm* ou as diferentes tipologias de influência urbana, desde a 'riad' e da casa com torre, até à habitação com pátio central ('wast ed-dar') com galeria, conferindo, no seu conjunto, maior relevância, à abordagem diacrónica.



Figura 5. Alougoum: urbanismo e arquitetura

A importância da seleção de estudos de caso relativamente próximos, ainda que integrados em subunidades de paisagem distintas, pode também ser relevada na região do Algarve, no Sul de Portugal. Esta região sintetiza algumas das expressões mais identitárias do Mediterrâneo, revelando sob uma unidade histórico-geográfica bem definida uma diversidade paisagística muito marcada (cf. Ribeiro, 1991). Das montanhas de xisto e grauwacke às planícies costeiras, passando por relevos intermédios de calcários, as unidades de paisagem algarvias refletem o histórico processo de formação socio-espacial que as caracteriza e que tem no povoamento (prevalência das aldeias nas áreas montanhosas e dispersão polarizada pelos principais núcleos urbanos da região nas áreas mais baixas) e nas atividades socioeconómicas tradicionais (agricultura, pastorícia, pesca) que se desenvolveram a partir dele, o seu traço mais singular e comum pese as dissemelhanças e especificidades que se possam encontrar.

Os estudos de caso das povoações de Fortes na Serra (figura 6), e de Cacela (figura 7) junto ao mar (Costa & Batista, 2013), constituem exemplos claros do modo como a organização e exploração do território quer montanhoso, quer agromarinho se fez mediante um vínculo apertado que liga as comunidades de pastores-agricultores, no primeiro caso, e de pescadores-agricultores no segundo, ao respetivo *hinterland*. Em ambos os casos, procedeu-se à caracterização dos núcleos urbanos considerando simultaneamente as escalas da paisagem, do urbanismo e da arquitetura vernacular, mas também, no caso da vila histórica de Cacela, da arquitetura religiosa e militar.

O levantamento integral das povoações e a elaboração das cartas da paisagem com base no registo do património cartográfico e oral, permitiram identificar a organização do espaço de habitar na sua relação com o espaço exterior contíguo e mapear a estrutura fundiária das terras agrícolas e os usos do solo. No caso de Cacela, foi possível ainda reinterpretar o levantamento e desenho dos espaços e estruturas (transversal a todos os estudos de caso) à luz da cartografia histórica existente, acentuando a dimensão diacrónica do estudo.



Figura 6. Fortes: a ribeira, o monte e a várzea (base do google Earth)

a - ribeira de Odeleite / moinho e casa do moinho; b - Monte de Fortes; c - Núcleo poente; d - Herdade da Malhada; a - Várzea com hortas; b - Pomar de oliveiras; C - Campos de cereais e hortas regadas da ribeira; D - Encosta com pomar de sequeiro, sobreiros e azinheiras; E - Campos de cereais; Ponto azul - poço; Círculo - eira; linha azul - sanja

O levantamento compreendeu a reconstituição da arquitetura doméstica e da ocupação agrícola na década de 1960, correspondendo a um período imediatamente anterior às alterações profundas a que estes aglomerados foram sujeitos, fosse pelo abandono e pela crise das economias tradicionais, fosse pela importância crescente do turismo. Pese embora as especificidades que distinguem historicamente as sub-regiões do Alto e do Baixo Algarve, a nível dos principais recursos da economia tradicional, da proximidade às principais redes de comércio e de transporte, ou dos materiais disponíveis para a construção, foi possível reconhecer um processo semelhante no encadeamento dos diversos padrões de organização do espaço doméstico, que remete para a importância do estudo da arquitetura vernacular no quadro genérico da história da casa.

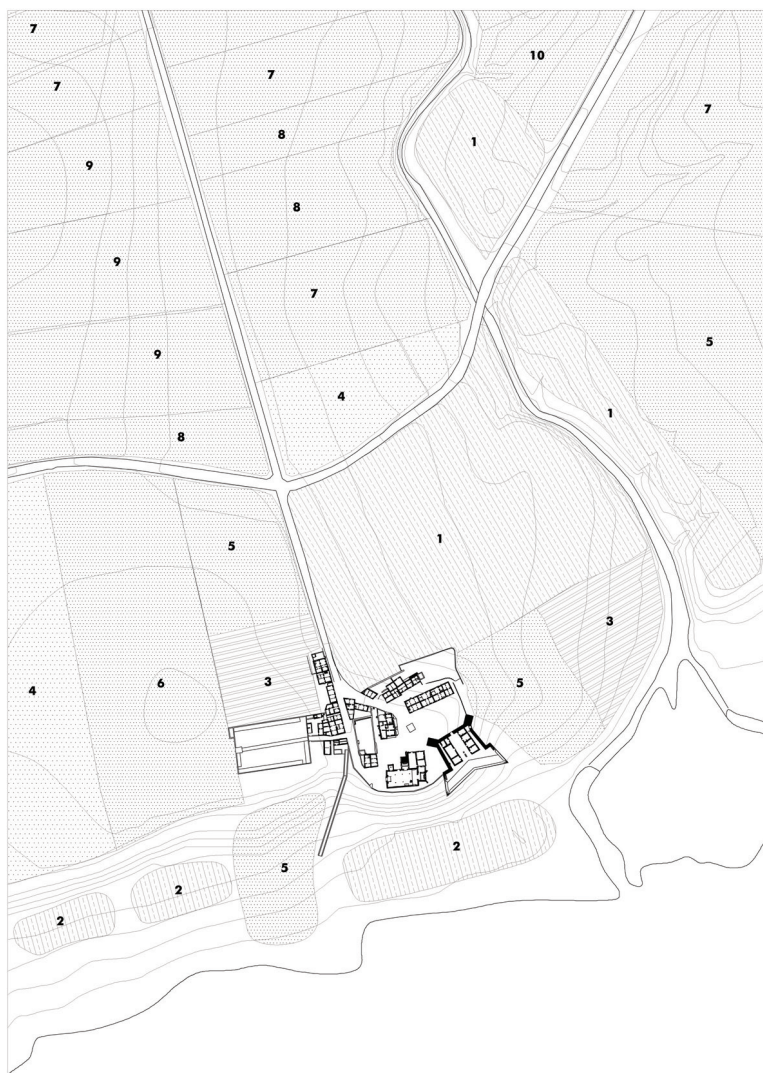


Figura 7. Cacula: carta para o estudo integrado da paisagem e do núcleo urbano de Cacula no início da segunda metade do século XX. 1 - rotação semestral de um cereal (trigo e cevada) com uma leguminosa (feijão, ervilha, grão-de-bico); 2 - hortas na areia; 3 - vinhas; 4 - cereais; 5 - cereais e figueiras; 6 - cereais, figueiras e oliveiras; 7 - cereais e oliveiras; 8 - cereais, amendoeiras e oliveiras; 9 - cereais e pomar misto de sequeiro; 10 - cereais e alfarrobeira.

4. Para uma síntese: Estudo comparado de distintos casos

O trabalho de campo, que tem vindo a ser realizado intermitentemente desde 2015, permite estabelecer, através do estudo comparado (da prospeção ao estudo de casos), um conjunto de relações entre territórios mais ou menos distantes e um quadro de síntese para determinados temas, onde se mantém a importância preponderante do desenho (a diferentes escalas) na releitura das fontes bibliográficas, documentais e iconográficas. A investigação tem privilegiado, a este propósito, as áreas das montanhas ibéricas, nomeadamente as do Norte de Portugal e Sul de Espanha, e do Magrebe, como as do Sul de Marrocos e da Tunísia, que correspondem a territórios de antiga e continuada ocupação humana.

A estratégia de sobrevivência delineada pelas comunidades de pastores e agricultores destes territórios, à custa de muito esforço na adaptação às difíceis condições do meio e aos poucos recursos, circunscreveu-se aos próprios limites da montanha que fornecia tudo o que era essencial à vida (Braudel, 1995: 43). No território montanhoso enquanto lugar de esforço sustentado na luta contra o relevo, a pobreza dos solos, a seca e a insalubridade, mas também o frio (Ribeiro, 2011: 49), o homem implementou um modelo de exploração da terra sabiamente adaptado às diferentes subunidades de modo a superar os distintos períodos de carência mediante movimentos transumantes, com origem do desdobramento do habitat em dois núcleos: a aldeia de baixo, principal, onde se vive no período mais frio e a aldeia de cima, secundária, onde se vive no período mais quente e onde a presença de boas pastagens justificam os movimentos sazonais (como era ou, nalguns casos ainda é, habitual nas serras da Peneda Gerês, na Serra Nevada, no Maciço Central do Sul de França ou em diferentes regiões do Alto Atlas).

Em qualquer caso, o lugar da aldeia é acompanhado por uma área fundamental de produção agrícola maioritariamente em socalcos e que, pese as diferenças entre as referidas áreas de montanha em que por exemplo determinadas espécies de sequeiro das serranias a norte têm necessariamente de ser regadas nas montanhas mais meridionais, regista-se uma semelhança na organização da paisagem entre uma e outras que inclui as águas partilhadas e os sistemas de regadio por levada a partir de sangradouros sucessivos dos cursos de água para as culturas dos campos a cota mais baixa. Neste modelo de organização as terras comuns e as estruturas coletivas assumem particular importância e significado, sendo que a gestão da água é um dos temas que melhor evidencia a importância da vida em comunidade característica das áreas de montanha. O lugar da Drave (figura 8) na Serra da Arada (noroeste de Portugal) e a aldeia berbere de Magdaz no Alto Atlas Central remetem para a gestão coletiva da água (direito da água e giros de água como código de repartição pelas diversas famílias) associada quer à produção de alimento com base no regadio quer à sua transformação (cereal) nos moinhos cuja arquitetura é também ela reveladora de similitudes inquestionáveis (Batista & Costa, 2020).

Um outro exemplo, em que paisagens distantes revelam um conjunto assinalável de traços comuns, é o que resulta da análise comparada da região Sul do Anti Atlas Central com a área norte da Djebel Dahar no Sul da Tunísia, no que respeita à arquitetura doméstica (prevalência da tipologia da casa organizada em redor de um



Figura 8. Drave: os campos regados e a povoação. A - campos regados; B - levada; C - açudes

grande pátio ou de múltiplos pátios e disseminação de escadas), bem como ao sistema de produção agrícola (bour e jessour) e ao modelo de gestão da água (cisternas na envolvente do povoado). Nestas regiões do Magrebe, onde a aridez se faz notar de modo bastante evidente, acompanhada por um regime pluviométrico escasso (200 mm/ano) e torrencial, as comunidades de pastores-agricultores desenvolveram um processo absolutamente engenhoso que baseado na conservação da água e do solo criou condições para a sedentarização do habitat altaneiro em pequenos e densos núcleos, e a produção de alimento em terraços nos talvegues, conhecidos na sub-região tunisina por jessour (Baduel & Baduel, 1980).

As aldeias berberes de Tagnit n`Abdiy no Anti Atlas Central (figura 9) e de Zraoua (figura 10) na Djebel Dahar (esta em processo de abandono) apresentam traços comuns no modo de habitar e produzir a dieta alimentar (pão, azeite, frutos secos, carne caprina) fundamentalmente baseada na gestão eficiente das precipitações. O antigo sistema hidroagrícola, com especificidades locais, compreende o armazenamento da água da chuva em cisternas para o consumo doméstico e o abeberamento do gado nos dois casos de estudo e o regadio apenas nas aldeias tunisinas, já que no caso marroquino predomina a agricultura pluvial (cereal) que se traduz na presença das grandes eiras. As referidas aldeias reproduzem singularidades construtivas e agropecuárias que se estendem por extensas áreas cujas características socio-ecológicas e antrópicas denunciam unidades de paisagem comuns ao território montanhoso magrebino.

O estudo comparado destes diversos estudos de caso permite estabelecer, no âmbito desta investigação, os grandes grupos de unidades de paisagem, a partir da identificação de expressões identitárias comuns que são legíveis à escala



Figura 9. Tagnit n'Abdi: ocupação e usos do solo (levantamento) e povoação. a - estrutura predial; b - piso térreo; c - piso superior; d - Espaços descobertos

da paisagem, do assentamento e da arquitetura, por exemplo, na transição das paisagens ribeirinhas e planícies litorais para as paisagens de montanha ou, noutro contexto, das regiões de montanha de influência mediterrânica para as regiões pré-saarianas. Deste modo, as civilizações, povos e gerações souberam adaptar-se aos contrastes de relevo (alta-montanha, planaltos, planícies interiores e costeiras, vales largos e encaixados), de morfologia do terreno (cabecços, encostas, áreas adjacentes aos cursos de água), de clima e de flora e vegetação, mediante a adoção de diferentes modelos de habitar e explorar o território. Estes diferentes modelos estão na origem da diversidade de unidades de paisagem que caracterizam o Mediterrâneo e que, paradoxalmente, põem em evidência a individualidade humana que lhes subjaz e a semelhança que os seus modos de vida apresentam, apesar das diferenças socioculturais e religiosas existentes, entre uma margem e outra do Mediterrâneo.

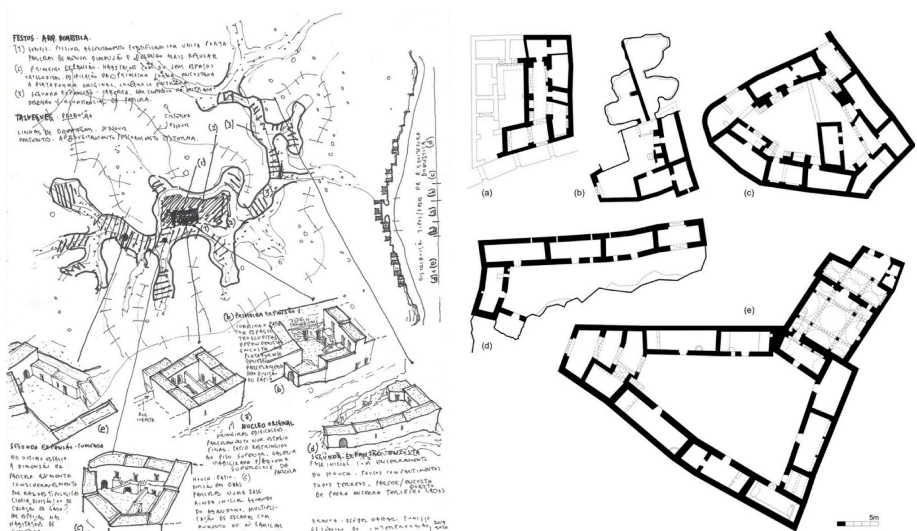


Figura 10. Zraoua: urbanismo e arquitetura

5. Para uma conclusão: Da análise e diagnóstico à proposta

Ainda que esta linha de investigação privilegie a caracterização das paisagens e das arquiteturas tradicionais, no quadro da transformação profunda que tem marcado, nas últimas décadas, as diferentes geografias do Mediterrâneo, compreende também a reflexão sobre a valorização deste património cultural enquanto fator de desenvolvimento local e de ordenamento das paisagens. Neste contexto, é fundamental distinguir circunstâncias muito diferenciadas que distinguem os territórios marcados por processos de urbanização e densificação associados a um crescimento demográfico relevante, como os que caracterizam as áreas metropolitanas ou as regiões urbanas do litoral, de outros territórios sujeitos a expressivos fenómenos de abandono, (i)migração e *desruralização*, como é especialmente evidente nas áreas do interior e, em especial, nas áreas de montanha.

A definição de políticas públicas que visem contrariar ou atenuar a tendência crescente e global de profunda assimetria regional deverá considerar, como é evidente, as especificidades das várias unidades territoriais, algumas das quais elencadas no presente artigo. E a este título, importa distinguir diferentes realidades mesmo nas áreas de montanha do Mediterrâneo, onde a situação é apesar de tudo, bastante distinta. Na Europa Meridional, o processo de *desruralização* encontra-se já em fase de consolidação, comportando o abandono das estruturas construídas e a transformação profunda da paisagem, com florestação recorrente das terras de maior aptidão agrícola. Nas regiões montanhosas do Magrebe, as mudanças sociais e os fenómenos de (i)migração combinam-se frequentemente com a permanência das atividades e economias tradicionais.

Apesar de associadas a diferentes quadros sociodemográficos – distinguindo aldeias caracterizadas pela permanência de populações envelhecidas ou habitadas maioritariamente por mulheres e jovens, de outras menos marcadas pelos processos de imigração – estas comunidades continuam a perpetuar conhecimentos e saberes antigos no que respeita a processos e técnicas tradicionais de construção dos espaços domésticos e de produção agropecuária. A elas está associada uma cultura territorial coletiva que continua, pese as mudanças em curso, a perpetuar paisagens culturais cujo interesse e valor patrimonial são merecedores de sua salvaguarda e valorização. A partir do entendimento de que estes territórios e paisagens constituem autênticos repositórios de práticas ancestrais que podem contribuir para o desenvolvimento a longo prazo tanto das comunidades humanas, como dos ecossistemas e recursos naturais (num mundo em acelerado processo de transformação), considera-se urgente e premente a sua conservação ativa numa perspetiva integradora das diferentes atividades e sistemas produtivos, nalguns casos, passível de beneficiar da emergência do turismo cultural enquanto recurso complementar da economia familiar.

É, neste sentido, que, em diferentes circunstâncias, apresentamos a proposta de classificação dos campos regados de Magdaz na alta montanha marroquina, enquanto sistema hidroagrícola que fornece múltiplos bens e serviços às famílias de pastores e agricultores, integrando-os nos *Systèmes Ingénieux du Patrimoine Agricole Mondial* (cf. Koohafkan & Altieri, 2011), extensível a outras áreas de montanha, e defender, deste modo, a manutenção de paisagens duma beleza excecional, a preservação duma

biodiversidade agrícola significativa a nível mundial, de ecossistemas resilientes e dum rico património cultural. A dimensão excecional das diferentes expressões do património do Alto Tassaout, em geral, e da aldeia de Magdaz, em particular, permitem equacionar a salvaguarda dos sistemas de produção tradicional numa estratégia mais abrangente de proteção e classificação do património cultural e da paisagem histórica rural enquanto fatores de desenvolvimento local.

Em contraponto às áreas do interior, a importância da conservação do património das regiões urbanas do litoral remete para questões muito distintas que gostaríamos de equacionar, não tanto nos centros urbanos consolidados, mas especialmente nas áreas periurbanas e nas áreas rurais contíguas em processo de urbanização extensiva. Esta nova realidade, em constante transformação – onde a paisagem urbana se torna cada vez mais difusa e os sistemas rurais e naturais se estão a urbanizar – é caracterizada por uma fragmentação generalizada que torna extraordinariamente complexa a proposta de um modelo de organização claro, às diferentes escalas do ordenamento ao planeamento. É neste contexto, e considerando a paisagem como modelo para o urbanismo e a preponderância da matriz ecológica, que a preservação do património rural pode ser equacionada no âmbito da região urbana, como foi proposto para a região do Algarve, no Sul de Portugal (Costa & Batista, 2012).

Nas áreas da planície litoral, frequentemente caracterizadas por uma grande hierarquização e diversidade do povoamento rural tradicional, a inventariação prospetiva das diferentes expressões do património deve ser interpretada à luz da própria história da paisagem, distinguindo, entre outros: os aglomerados rurais (com relevância ao nível da constituição de uma rede de centros secundários, à escala da região urbana); as quintas na periferia dos principais centros (nalguns casos com aptidão para utilização coletiva); as edificações dispersas tradicionais (frequentemente convertidas nas novas habitações da cidade difusa); o património hidráulico, a arquitetura da produção e os caminhos rurais (facilmente integráveis no sistema de mobilidade saudável associada à infraestrutura verde urbana). Deste modo, a conservação, reabilitação e regeneração do património construído devem ser equacionados no quadro de um sistema abrangente que, pelo menos nalguns casos, alargue as paisagens urbanas históricas aos sistemas, estruturas e elementos mais relevantes das anteriores áreas rurais, conferindo coesão funcional e legibilidade aos tecidos urbanos, integridade ecológica e cultural ao mosaico paisagístico, e visibilidade e utilidade aos assentamentos rurais vernaculares.

Bibliografia

- ABULAFIA, D 2013, *El gran mar. Uma historia humana del Mediterráneo*, Crítica, Barcelona.
- BADUEL, A & BADUEL, P 1980, 'Le pouvoir de l'eau dans le Sud-Tunisien', *Revue de l'Occident Musulman et de la Méditerranée*, nº 30, pp. 101-134.
- BATISTA, D & COSTA, MR 2020, 'Landscape and Water Heritage in Mountainous Areas: From the Atlantic to the Mediterranean, from Northern Portugal to Southern Morocco' in Rodrigues, AD & Toribio Marín, C (eds), *The History of Water Management in the Iberian Peninsula between the Sixteenth and the Nineteenth Centuries*, Birkhäuser/Springer, Cham, pp. 201-225.

- BRAUDEL, F 1983 [1966], *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II* - volume 1, Dom Quixote, Lisboa.
- COSTA, MR & BATISTA, D 2012, 'Rehabilitation of the rural built heritage in central Algarve: from the coastline urban areas to the scarcely populated inland region', *International Journal of Energy and Environment*, issue 4, vol. 6, pp. 433-442.
- COSTA, MR & BATISTA, D 2013, 'Contribución al estudio del patrimonio de Cacela: cartografía, arquitectura y paisaje en el contexto del Algarve Oriental en Portugal', *Apuntes*, vol. 26, n.º 1, pp. 62-77.
- COSTA, MR & BATISTA, D 2018, 'Architecture traditionnelle dans les zones de montagne: contribution à l'étude de la typologie des habitations dans le Haut Atlas au Maroc', *Digital - Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes*, n.º 5, pp. 373-397.
- JACQUES-MEUNIER, D 1962, *Architectures et habitats du Dadès. Maroc Pré-saharien*, C. Klincksieck, Paris.
- KOOHAFKAN, P & ALTIERI, MA 2011, *Systèmes Ingénieux du Patrimoine Agricole Mondial: Un héritage pour le futur*, Organisation des Nations-Unies pour l'Alimentation et l'Agriculture, Rome.
- MATVEJEVITCH, P 2019 [1987], *Breviário Mediterrânico*, Quetzal, Lisboa.
- NIJST, A et alii 1973, *Living on the edge of the Sahara: a study of traditional forms of habitation and types of settlement in Morocco*, Govt. Pub. Office, Haia.
- RIBEIRO, O 1991 [1945], *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*, Sá da Costa, Lisboa.
- RIBEIRO, O 2011 [1968] *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- TERRASSE, H 2010 [1938], *Kasbas berbères de l'Atlas et des Oasis*, Actes Sud / Centre Jacques-Berque, Rabat.